

Módulos de Formação opcionais

- ANI 1041 ANIMAÇÃO DE ADULTOS
ANI 1101 ACOLHIMENTO E INTEGRAÇÃO
DE JOVENS DEFICIENTES
ANI 1102 COEDUCAÇÃO (6 AOS 10 ANOS)
ANI 1103 COEDUCAÇÃO (11 AOS 17 ANOS)
ANI 1104 JOVENS EM DIFICULDADE
ANI 1105 EDUCAR HOJE
ANI 1107 GRANDES JOGOS
ANI 2006 AGENTE DE DESENVOLVIMENTO
ESPIRITUAL
- ESO 1201 SÍMBOLOS E TRADIÇÕES
ESQUITISTAS
ESO 1202 ESCUTISMO INTERNACIONAL
ESO 1203 ESCUTISMO E MEIO AMBIENTE
ESO 1204 ESCUTISMO E OS PAIS
- GES 1302 ORGANIZAÇÃO DE UMA GRANDE
ACTIVIDADE
GES 1303 GESTÃO DE CONFLITOS
ENTRE ADULTOS
GES 1304 MATERIAL E EQUIPAMENTO
COLECTIVO
GES 1305 RECONHECIMENTO DO
VOLUNTARIADO
GES 1306 PLANO DE ACÇÃO LOCAL - P.A.L.
GES 2012 FINANCIAMENTO 2
- TEC 1045 COMUNICAÇÕES E JOTA / JOTI
TEC 1401 ACAMPAMENTO DE VERÃO
TEC 1403 PUBLICIDADE
TEC 1404 EXPRESSÃO
E FOGOS DE CONSELHO
TEC 1405 SOCORRISMO
TEC 1406 ORIENTAÇÃO (CARTA
TOPOGRÁFICA E BÚSSOLA)
TEC 1408 PUBLICAR UM JORNAL ESCUTISTA
TEC 1409 NATUREZA: FAUNA E FLORA
TEC 1410 PIONEIRISMO E FROISSARTAGE
TEC 1411 FALAR EM PÚBLICO
TEC 1412 ESCUTISMO MARÍTIMO

Formação Modular

JOVENS EM DIFICULDADE

ANI 1104

**Primeira edição
Agosto de 1999**



**Centro de Formação de Dirigentes do C.N.E.
Vale da Ursa - Serpins
Região de Coimbra**

JOVENS EM DIFICULDADE

Objectivo geral

Reconhecer o jovem em dificuldade e adoptar a atitude adequada tendo em conta as possibilidades e os limites do escutismo.

Objectivos específicos

1. Reconhecer as possibilidades e os limites do escutismo face às dificuldades sentidas pelos jovens.
2. Descrever as principais dificuldades com que são confrontados alguns jovens.
3. Descrever a atitude a adoptar diante dessas dificuldades.

Conteúdos

1. Introdução

Antes de falar dos jovens em dificuldade sublinhemos que a maioria dos jovens não sente problemas graves e que a maior parte das dificuldades que os jovens têm de enfrentar são passageiras. Apenas uma fraca minoria de jovens conhece problemas profundos: delinquência, suicídio, abuso de drogas ou de álcool... Sem minimizar estes problemas, importa repô-los na sua devida proporção.

Um estudo levado a cabo em 1994 pelo Centro de pesquisa sobre os serviços comunitários da Universidade de Laval, em colaboração com o Serviço de pesquisa do ministério da Educação do Quebec, junto de 5.500 alunos do ensino secundário, revelou que mais de 85% dos jovens de hoje declaram que sentem-se relativamente bem dentro da sua pele; eles dizem-se felizes, satisfeitos pelo relacionamento que mantêm com os seus pais e acham-se satisfeitos consigo mesmos ¹.

Além disso, é preciso saber que os jovens ditos “com problemas” não são mais numerosos hoje do que antes. Em contrapartida, fala-se mais disso. Isso deve-se ao facto de tanto os pais como os educadores estarem melhor informados e mais rapidamente alertados.

2. O mito da infância feliz

“A psicologia moderna, ao descortinar o mundo afectivo das crianças, deixou-nos a impressão de que bastaria responder adequadamente às suas necessidades, amá-las e deixá-las exprimir-se para daí criar pessoas sem problemas ². Ora, a realidade é muito mais complexa. Há crianças que nasceram em condições conflagradoras, com pais perturbados, e que todavia chegam a encontrar o seu equilíbrio. No lado oposto do cenário há crianças privilegiadas e rodeadas de afecto que terão dificuldade em adaptar-se uma vez chegadas à idade adulta.

A vida de uma criança não decorre *como um rio longo e calmo*. Problemas ocasionais surgirão inevitavelmente e virão perturbar o ritmo do seu desenvolvimento. Durante estas fases, o jovem pode tornar-se agressivo, estressado ou procurar fugir.

Na maioria dos casos, os jovens chegam a atravessar estas difíceis etapas sem sequelas de maior. É preciso acreditar nas capacidades de adaptação e de aprendizagem dos jovens. Acima de tudo, é preciso acreditar na vida.

3. As possibilidades e os limites do escutismo

O escutismo é um movimento de educação para os jovens. Ele pode contribuir em muito para a totalidade dos jovens, mas também para aqueles que conhecem dificuldades psicológicas, sociais ou afectivas. Os animadores e animadoras são adultos significativos para os jovens que frequentam a unidade. Eles podem ter uma influência determinante na sua progressão.

No seu livro sobre crianças hiperactivas e lunáticas, o Dr. Guy Falardeau escreve: “No nosso mundo em que se ouve frequentemente falar dos perigos que representam os adultos mal-intencionados que se interessam pelos nossos filhos, acho tranquilizador ver que alguns, melhor intencionados, podem ajudar também crianças sem nenhum outro motivo que não seja o bem destas. Desejo a todos os hiperactivos que encontrem um dia no seu caminho uma destas pessoas capazes de reconhecer o seu valor para lá dos sintomas incomodativos” ³.

É do conhecimento geral que o escutismo pode ajudar os jovens:

no plano físico

- proporcionar actividades (jogos ou desportos) que favoreçam o pleno desenvolvimento das capacidades físicas dos jovens,
- educar as crianças na importância da aquisição de bons hábitos alimentares e de higiene,
- proporcionar actividades de descontração e relaxamento,
- incutir valores baseados no respeito por si mesmo e pelos outros,
- tranquilizar o jovem acerca da sua aparência física e ajudá-lo a aceitar-se tal qual é.

no plano intelectual

- favorecer as aprendizagens técnicas e o desenvolvimento do *saber-fazer* (destreza),
- levar o jovem a perseverar e a esforçar-se,
- proporcionar diversas actividades que permitam alargar a sua cultura geral e o seu conhecimento do mundo,
- ajudar o jovem a desenvolver a sua capacidade de argumentação, a dar valor às suas ideias, a prestar atenção às ideias dos outros,
- proporcionar oportunidades em que o jovem ponha a render a sua criatividade.

no plano emotivo

- contribuir para a melhoria da sua auto-estima sublinhando os esforços,
- proporcionar um quadro de aprendizagem cómodo, no respeito pelas limitações do jovem,
- desenvolver o sentimento de competência,
- desenvolver a autonomia,
- conduzir progressivamente o jovem a ser senhor da sua emotividade,
- guiar o jovem na busca da sua identidade,
- atribuir responsabilidades reais sob supervisão,
- ajudar o jovem a fixar objectivos e a encorajá-lo a perseverar.

no plano social

- favorecer a integração e a participação activa de cada jovem no seu grupo,
- favorecer a amizade,
- desenvolver o sentimento de pertença ao grupo,
- guiar o jovem, encorajá-lo nos seus passos inter-relacionais,
- encorajar a tolerância e a solidariedade,
- propor projectos que apelem à colaboração de cada um e que favoreçam a aprendizagem da cooperação e da entreatajuda,

- levar o jovem a sentir-se útil através de actividades comunitárias.

no plano moral e espiritual

- facilitar a passagem de uma moralidade baseada no constrangimento a uma moralidade fundada no senso comum e na cooperação,
- ajudar o jovem a fazer a aprendizagem da liberdade e do juízo moral por meio de discussões francas e abertas,
- ajudar o jovem a acreditar em si mesmo, na vida, nos outros, em Deus.

Danielle Laporte, psicóloga clínica e autora de vários volumes e artigos de divulgação sugere, para ajudar uma criança indefesa e frequentemente superprotegida, a fazê-la participar em actividades de grupos bem estruturados, como os escuteiros por exemplo, para ajudá-la adquirir segurança ao nível social ⁴.

Apesar das grandes possibilidades que o escutismo oferece, este movimento de educação tem apesar de tudo os seus limites. Tem de se chamar a atenção da equipa de animação contra a tentação de fazer de psicólogo. O problema de um jovem pode ser demasiado profundo para ser resolvido na unidade. Neste caso, mais vale dar parte da situação a profissionais ou a organismos que possam ajudá-lo ou, se se achar perante um caso evidente de abuso ou de negligência grave, comunicá-lo a um serviço de protecção da juventude nos mais pequenos pormenores.

4. Os tipos de problemas que os jovens podem sentir

Nas páginas seguintes, tentaremos descrever algumas das dificuldades que os jovens podem sentir. Algumas destas dificuldades são passageiras, devidas a um acontecimento ocorrido na vida do jovem. Neste caso, a equipa de animação pode trazer apoio e compreensão, o que contribui para ajudar o jovem a ultrapassar esta difícil etapa.

Outros jovens estarão às voltas com dificuldades de comportamento que prejudicam o seu desenvolvimento. Em muitos casos o escutismo pode trazer uma ajuda tangível porquanto se possa contar com a colaboração dos pais.

Finalmente, outros problemas são mais profundos. Falamos aqui de jovens que vivem problemas sérios: consumo de drogas, delinquência, prostituição... Estas situações necessitam da intervenção de especialistas.

O que quer que seja, é preciso distinguir entre um jovem toxicómano e um outro que é consumidor eventual de droga. Do mesmo modo, um roubo de montra cometido uma vez não faz de um jovem um ladrão para toda a vida.

Não há receita infalível. Cada caso é um caso. O que importa, é procurar encontrar os motivos de um comportamento problemático antes de propor e aplicar correctivos.

5. A separação dos pais

Os filhos e até os adolescentes vivem de maneira bastante penosa a separação de seus pais. Eles podem reagir de diferentes maneiras, manifestando: tristeza, regressão, procura de solidão, perda de confiança em si próprio (e de auto-estima), agressividade, culpabilidade, desinteresse pela escola ou pelo esportes...

As raparigas reagem de modo diferente dos rapazes. Elas tendem a interiorizar os seus sentimentos, a culpabilizarem-se, a isolarem-se e algumas mergulham na depressão. Já os rapazes têm tendência a exteriorizar as suas emoções, a rebelar-se, a tornar-se mais agressivos. E sendo dado que a reacção dos rapazes é mais visível, acreditou-se durante muito tempo que estes eram mais sensíveis do que as raparigas à separação dos seus pais, o que não é o caso.

Em muitos casos, os distúrbios emotivos relacionados com a separação dos pais nas crianças esbatem-se com o tempo. Estas últimas chegam a adaptar-se à nova realidade familiar, a menos que o conflito entre os pais perdure de tal forma que entrave o equilíbrio afectivo das crianças.

Se os distúrbios emocionais relativos a uma separação acabam por atenuar-se, outros problemas, decorrentes do empobrecimento da família, vêm ao de cima. As crianças são geralmente confiadas à guarda da mãe que, em muitos casos, tem um rendimento inferior ao do pai. As estatísticas, aliás, falam por si: uma grande percentagem de famílias monoparentais encontra-se abaixo do limiar da pobreza.

Isto ocasiona outros problemas que vêm somar-se às consequências da separação: aumento do stress, fadiga e desmotivação, presença parental reduzida (muitas vezes o pai é ausente e a mãe, que deve acudir sozinha às necessidades da família, presta menos atenção aos seus filhos), condições de isolamento, subnutrição, impossibilidade de dar-se momentos de lazer satisfatórios... Esta situação explicaria a elevada taxa de abandono escolar entre as crianças que vivem com famílias monoparentais.

Quando uma criança vive a separação de seus pais, é importante fazer-lhe sentir que ele também conta e existe e que pode exprimir a sua dor.

A presença de animadores masculinos numa unidade que compreenda rapazes separados do seu progenitor é essencial. Estes jovens terão a ocasião de se identificar com um modelo masculino positivo e atencioso, o que favorecerá o seu desenvolvimento. Assistimos muitas vezes a jovens que “adoptaram” um animador.

É igualmente verdadeiro para as raparigas, mas numa medida menor já que o progenitor com quem ela se identifica permanece junto de si. Esta situação pode mostrar-se embaraçosa para o animador que terá de fazer prova de tacto. Sem encorajar uma relação demasiado privilegiada, ele terá de evitar repelir abertamente o jovem. Uma boa discussão com a mãe deste pode tornar-se proveitosa. A criança ou o jovem terá de vir a entender que o animador é sem dúvida um homem maravilhoso de quem ele gosta muito mas que jamais poderá substituir o pai que tanta falta lhe faz.

6. A rejeição pelos pares

Parece que existe uma relação muito estreita entre a qualidade das relações de amizade e de inadaptação psicossocial. Um jovem que tem dificuldade em arranjar amigos corre o risco de sentir dificuldades desde a adolescência e estas dificuldades podem durar até à idade adulta.

Alguns jovens não perceberam as situações de compromisso que se destacam das relações com os seus pares: reciprocidade, intimidade, cooperação e negociação. Em muitos casos, a origem dos problemas de socialização vem da família. Mas pode acontecer que um jovem socialmente competente seja subitamente rejeitado pelos seus pares. Vinte e oito por cento dos adolescentes dizem já terem sido rejeitados pelo menos uma vez pelos seus amigos ⁵.

A unidade escutista é um grupo estruturado de jovens, enquadrado por uma equipa de adultos. Uma unidade escutista é um lugar privilegiado para adquirir requisitos sociais e arranjar amigos. As regras são claramente expressas e as obrigações de cada um também.

Entretanto, pode dar-se o caso de um jovem da unidade continuar a ter problemas e a sofrer rejeição por parte dos outros. É preciso evitar superprotegê-lo. Temos muitas vezes a tendência para intervir junto do grupo: “deviam esforçar-se por aceitar fulano X”, “olhem, fulano X está sozinho, vão chamá-lo para se juntar a vocês”, “sejam mais delicados com fulano X”, etc.. Ora, é sobretudo junto do jovem em crise que será preciso actuar. A equipa de animação não estará sempre presente para obrigar os outros a aceitarem-no. Ele deverá aprender os comportamentos que irão favorecer a sua integração no grupo.

Diante de uma situação de rejeição, a equipa de animação deverá prestar particular atenção à dinâmica do grupo. Em alguns casos pode-se detectar a presença de um jovem abusador que instigue a rejeição de um par. Escusado será dizer que neste caso concreto a intervenção dos adultos convergirá mais neste jovem de temperamento dominador do que na sua vítima.

Os jovens abusadores ou agressivos em relação a um par procuram satisfazer uma necessidade de poder e de domínio sobre os outros ⁶. Para uns trata-se de uma maneira de canalizar sobre um mais fraco o abuso de que eles são alvo em casa. Estes jovens não são sempre violentos. Mas recordemos que as palavras podem fazer pior do que as acções.

7. A violência

A agressividade é necessária. É uma pulsão que pode ser muito positiva quando utilizada para fins construtivos. “Mas quando é excessiva torna-se prejudicial e transforma-se em violência. Esta mede-se pela intenção do gesto (cólera intensa), o efeito produzido (prejuízo importante), o prazer sem culpabilidade de dominar física ou psicologicamente, e a incapacidade de se colocar no lugar do outro” ⁷.

Há três vezes mais rapazes agressivos fisicamente do que raparigas. São muitas vezes os jovens que vivem da violência em casa. Ou porque eles próprios são agredidos, ou porque são testemunhas de violência conjugal. Mas a agressividade pode ter outras causas: problemas neurológicos ou endócrinos que provoquem explosões de cólera, hiperactividade que leve a gestos impulsivos, *stress* económico, falta de afecto, uma auto-estima muito fraca. Cada vez mais se acrescentam a estes factores as emissões de televisão de cariz violento que possam influenciar o comportamento dos jovens.

Os comportamentos negativos são muitas vezes uma maneira para os jovens exprimirem os seus mal-estares e conflitos interiores. “Eles exprimem assim as suas insatisfações, a sua necessidade de serem reconhecidos e aceites pelos outros ou o seu desejo de se sentirem importantes para alguém. Dito de outra forma, são diferentes meios que os jovens usam para chamar a atenção dos que os rodeiam, afrontar o poder dos adultos, vingarem-se das injustiças cometidas em relação a si próprios ou exprimir, enfim, a pouca estima que eles têm por si mesmos”⁸.

“Em geral, os jovens agressivos interpretam com dificuldade as situações sociais e estão sempre a supor hostilidade da parte dos outros. De facto, eles põem-se na defensiva antes de qualquer possibilidade de ataque”⁹.

O escutismo pode ajudar os jovens agressivos pelo simples facto de lhes proporcionar um outro modelo de comportamento social. Estes jovens descobrem no seio da unidade que há uma outra maneira de se comportar e de chamar a atenção.

Isso nem sempre é suficiente. Tenhamos em conta entretanto, que nunca será preciso fazer prova de violência física ou verbal com estes jovens. Isso só contribuiria para aumentar a sua convicção de que os problemas se resolvem pela violência.

Sem recorrer à violência, é preciso acabar com todo o tipo de comportamento violento em primeiro lugar através da palavra, e depois pela coacção física (afastar o jovem, confiná-lo). Sugere-se o afastamento do jovem durante dez minutos ou até que ele se tenha acalmado. Só então se poderá conversar com ele e ajudá-lo a reflectir sobre as consequências dos seus actos. Pode-se levá-lo a encontrar soluções alternativas (de substituição) aos seus comportamentos agressivos. Pouco a pouco, poder-se-á levá-lo a exprimir a sua agressividade de modo aceitável.

Pode-se ajudar o jovem a desenvolver certos hábitos sociais podendo levá-lo a controlar os seus impulsos violentos¹⁰:

- saber proteger-se a si mesmo, conhecer recursos em caso de perigo, tomar precauções, poder gritar, chamar por socorro, proibir, pedir ajuda em caso de necessidade...
- exigir dos outros respeito pelos seus direitos,
- aprender a lidar com os outros com respeito e ser capaz de se deixar lidar,
- aprender a confiar nos outros,
- saber canalizar os seus impulsos para fins gratificantes, transformar o excesso de agressividade em combatividade,
- aprender a atrasar a sua satisfação, a esperar, a confiar no futuro,
- fazer prova de empatia para com os outros, adivinhar as suas necessidades, os seus sentimentos,
- gerir o seu *stress*,

- falar em abono dos outros,
- aprender a pedir desculpa.

A equipa de animação deve tentar perceber o que se esconde atrás dos comportamentos violentos de um jovem. Se houver lugar em crer que a criança é ela própria vítima de violência, é preciso entrar em contacto com um serviço de protecção à juventude, sem demora.

8. Os delitos

É preciso distinguir em primeiro lugar entre o delito ocasional e a delinquência. “Observa-se que a maioria dos jovens confessam ter cometido pequenos delitos (furto de montra, trapaça na escola, falsificação da idade num bilhete de identidade, consumo de marijuana, etc.) num momento ou noutro entre os 12 e os 18 anos, mas que, em graus mais adiantados de densidade e de gravidade da actuação delinvente, apenas se acha implicada uma pequena minoria de adolescentes ¹¹.

Face a um delito menor e ocasional, a equipa de animação tem de intervir de maneira firme mas sem dramatizar por aí além. Se o delito cometido causou dano a alguém, levar-se-á o jovem a assumir a responsabilidade do seu acto e exigir-se-á dele reparação, na medida em que um jovem desta idade pode desobrigar-se desta exigência.

Pode acontecer que uma criança entre os 8 e os 12 anos cometa um pequeno furto. Isto não faz dele um ladrão. O sentido da honestidade é uma virtude que se desenvolve e se consolida com o decorrer dos anos. Neste sentido, o modelo de comportamento que lhe apresentam os adultos que o rodeiam continua a prevalecer para o seu desenvolvimento moral.

“A maior parte das crianças que roubam ocasionalmente têm razões emotivas para o fazer e não se apercebem bem disso. Na maior parte dos casos elas procuram atrair a atenção do adulto para uma falta, um vazio qualquer, ou a testar a solidez dos princípios deste” ¹².

Uma criança pode roubar pelas seguintes razões:

- porque se sente só ou abandonada,
- para se fazer notar,
- para se fazer aceitar num "gangue",
- por falta de dinheiro,
- para fazer presentes, fazer-se amar, fazer amigos,
- por revolta face a uma educação demasiado rígida,
- por cólera ou ciúme,

- por falta de balizas.

O roubo tomará um significado diferente conforme a natureza do objecto roubado, a pessoa roubada e o objectivo do roubo. Por exemplo, “bifar” um autocolante para o oferecer a um colega não tem a mesma gravidade que “bifar” discos compactos numa loja para os vender, mesmo se no fundo se fale de roubo para os dois casos. Do mesmo modo, uma criança que rouba alimentos mostra que sofre de um problema diferente daquela que rouba uma bicicleta. Ter-se-á em conta igualmente a atitude da criança face ao delito: remorsos, ausência de culpabilidade, orgulho, sentimento de pertença a um grupo...

Segundo o que se percebe do móbil do roubo, pode-se actuar e levar a criança a reflectir sobre as consequências do seu acto. Pode-se pedir-lhe para devolver o objecto roubado ou então "juntar os seus cobres" para o pagar. Não se trata de actuar sobre a vergonha, mas sobre o sentido das responsabilidades.

É importante que a criança compreenda que os pequenos delitos como o furto ou o roubo não são de admitir. Na unidade há um código moral a respeitar.

9. A hiperactividade

Uma criança em cada vinte, três vezes mais rapazes do que raparigas, sofre de hiperactividade. Este distúrbio de comportamento (fala-se também de *handicap*) é habitualmente diagnosticado por volta dos 5 ou 6 anos de idade. Além disso, 70% das crianças hiperactivas aos 6 anos sê-lo-ão ainda na adolescência e uma maioria apresentará sintomas de hiperactividade na idade adulta. Estas crianças são como uns cata-ventos. Mas é preciso saber que elas não têm nenhuma intenção malévola. Simplesmente, elas têm dificuldade em refrear a sua impulsividade.

Segundo os estudos mais recentes, a hiperactividade seria motivada por um problema neurológico e não, como se pensou durante muito tempo, por um problema sócio-afectivo. Eis porque é preciso distinguir as crianças hiperactivas das que apresentam outros tipos de dificuldades.

As crianças agitadas, impulsivas ou apresentando problemas de aprendizagem não são todas hiperactivas. Algumas destas crianças apresentam problemas sócio-afectivos reais que nada têm a ver com a hiperactividade. O que diferencia um hiperactivo da criança que procura chamar a atenção é a sua grande ingenuidade. Se ela se mexe sem cessar, se se põe a gritar ou a proferir palavrões, não é para chamar a atenção, mas apenas porque não consegue evitá-lo.

As crianças sobredotadas apresentam frequentemente sintomas que aparentam com a hiperactividade: agitação, falta de interesse pelas matérias escolares... Estes comportamentos significam que a criança sobredotada tem necessidade de desafios à medida das suas capacidades. De facto, a hiperactividade, tal como a definimos hoje, nada tem a ver com a inteligência. Algumas crianças hiperactivas são muito mais sobredotadas, outras menos.

O diagnóstico da hiperactividade releva do médico. “Apenas uma avaliação prolongada e completa, incluindo um questionário junto dos pais e dos educadores, assim como um exame da criança e testes específicos, poderá assegurar um diagnóstico fiável”¹³.

Os sintomas da hiperactividade

A hiperactividade caracteriza-se por cinco comportamentos típicos ¹⁴:

- A agitação:

A criança hiperactiva mexe-se sem parar e isto em todas as actividades, incluindo muitas vezes durante o sono. Esta agitação não tem relação com a actividade em curso. Ela não tem nenhum propósito definido e deve-se unicamente a uma falta de controlo. Depois de uma actividade que exige um grande gasto de energia, a criança hiperactiva tem muita dificuldade em moderar a sua agitação e em muitos casos, não chegará lá.

- A falta de atenção:

Define-se muitas vezes a hiperactividade como um défice da atenção. A criança hiperactiva tem dificuldade em manter a sua atenção sobre uma tarefa, sobretudo se esta é longa e monótona. Se a tarefa é nova ou mais atraente, a sua atenção será mais firme.

- A impulsividade:

Verifica-se uma maior propensão para os acidentes de toda a espécie em crianças que sofrem de hiperactividade. A criança hiperactiva não pensa antes de agir. Pode ter um gesto desastrado ou dizer uma asneira e esquecê-lo de imediato. Ela sente muita dificuldade em esperar a sua vez. Finalmente, a criança hiperactiva terá tendência a seguir as outras crianças nos seus maus passos... mas é quase sempre ela que se deixará agarrar e castigar.

- A dificuldade em seguir regras:

A criança hiperactiva dá a impressão de só fazer o que lhe passa pela cabeça. De facto, acontece que ela tem dificuldade em seguir instruções ou regras. Ela entende-as, mostra muitas vezes uma certa vontade em respeitá-las, mas quando chega a altura de ter de agir segundo essas regras é como se as tivesse esquecido.

- A variabilidade do rendimento:

Nuns dias, a criança hiperactiva dará a impressão de que está mais calma e que consegue concentrar-se nos seus deveres, enquanto noutros dias os sintomas da hiperactividade serão ainda mais acentuados. Esta característica desfavorece muitas vezes a criança hiperactiva que passa por ser preguiçosa. Muitos adultos são levados a achar que, se a criança pôde despender uma boa energia num determinado dia, ela pode ser igualmente eficaz todos os dias. Ora, uma tal expectativa é algo ilusória, sobretudo no que respeita aos indivíduos hiperactivos ¹⁵.

Para lá disso, os sintomas podem variar:

- segundo a situação: as crianças manifestam menos sintomas quando estão sós diante de um adulto ou quando a tarefa é nova e interessante;
- segundo a hora do dia: os sintomas são mais notórios à tarde e à noite;
- segundo as crianças: o grau de hiperactividade varia de criança para criança. Uns são mais susceptíveis do que outros.

As complicações socioafectivas

As crianças hiperactivas sentem muitas vezes outras dificuldades que vêm perturbar a sua inserção social. A mais importante destas dificuldades é sem dúvida uma fraca auto-estima. Estas crianças têm dificuldade em arranjar amigos. Os seus comportamentos incomodativos suscitam igualmente alguma intolerância da parte dos adultos. Estudos feitos demonstraram que perante a hiperactividade, os adultos tidos como *normais* têm tendência a perder a paciência, a reagir barafustando e castigando com mais frequência e mais severidade.

Rejeitados pelos seus pares e pelos adultos, as crianças hiperactivas sofrem também por um fraco rendimento escolar. Tendo dificuldade em manter uma atenção contínua e respondendo impulsivamente, ou seja, sem reflectir, aos questionários dos exames, eles obtêm muitas vezes míseros resultados escolares que nada têm a ver com as suas reais capacidades intelectuais. Estas crianças sentem-se desvalorizadas e perdem a oportunidade de desenvolver a sua auto-estima.

Para agravar mais a situação, estas crianças têm uma maior propensão para os problemas médicos. Ainda não se encontraram explicações científicas, mas os factos estão à vista, os hiperactivos acham-se frequentemente doentes, mais do que a média das crianças.

A medicação

Como a hiperactividade é causada por um problema neurológico, o médico prescreverá um medicamento visando *estimular o cérebro*. Existem vários medicamentos, sendo o Ritalin o mais conhecido e o mais prescrito frequentemente. Nós descreveremos aqui alguns efeitos secundários que se podem observar numa criança que tome este medicamento.

Em primeiro lugar, o Ritalin é um estimulante e não um tranquilizante. Se a criança está mais calma, é porque se acha mais capaz em se concentrar e manter a sua atenção aquando das actividades mais intelectuais. Comparado à extrema agitação que o caracterizava, este novo comportamento dá a impressão de que a criança se encontra sob o efeito de um sedativo.

Ao contrário, o Ritalin pode provocar a insónia. Consta-se igualmente entre as crianças que tomam este medicamento uma perda de apetite. Geralmente, este problema esbate-se com o tempo. Entretanto, para não prejudicar a saúde da criança, deve-se consentir que ela coma entre as refeições. O Ritalin pode causar também dores de cabeça ou de barriga. Finalmente, em 10% dos casos, as crianças podem pôr-se a chorar sem razão aparente.

Como ajudar as crianças hiperactivas

Sem ter a pretensão de solucionar todos os problemas relacionados com a hiperactividade, algumas atitudes da parte dos adultos podem melhorar o comportamento da criança que por causa dele sofre. Primeiramente, é preciso ter sempre presente que a criança não age por maldade. Alguns comportamentos podem ser incomodativos. Algumas das suas observações podem ser contundentes. É preciso que nos preparemos para conservar o nosso sangue-frio.

Em alguns casos, é preciso tolerar o seu comportamento (por exemplo, quando a criança se mexe sem incomodar verdadeiramente), em outros casos, é urgente intervir com firmeza (por exemplo, quando a criança desobedece às regras estabelecidas e conhecidas de todos).

As chamadas de atenção devem ser formuladas de maneira clara e firme, mas num tom amigável. Pode-se ter a certeza de obter a atenção da criança olhando-a olhos nos olhos. As regras têm de ser fixas e aplicadas igualmente por todos os animadores. É importante dar a conhecer as regras.

A criança hiperactiva acha-se na incapacidade de esperar uma recompensa a médio ou a longo prazo. Para o incitar a esforçar-se, a recompensa deve ser imediata. Os sistemas de progressão propostos pelas diferentes metodologias exigem esforços suplementares por várias semanas. Eles não conseguem motivar a criança hiperactiva. Conviria adaptar a nossa maneira de actuar e oferecer a estas crianças a possibilidade de receber uma recompensa o mais breve possível. Um sistema de resultados ou de pontuação, por exemplo, que viesse assinalar degrau a degrau o percurso em ordem à obtenção de um distintivo de progressão, teria imensos efeitos no seu comportamento. Finalmente, lembramos que a recompensa deve realçar o esforço e não o resultado.

As crianças hiperactivas recebem todos os dias muitas mensagens negativas. É pois, muito importante demonstrar-lhes afecto através de palavras carinhosas, encorajamentos, sorrisos. Um estudo realizado junto de jovens deficientes, incluídos aí os hiperactivos, é bastante eloquente. Perguntou-se-lhes o que mais tinha contribuído para o seu sucesso na vida. “A maior parte citou em primeiro lugar a relação que eles tiveram com um adulto estranho ao círculo familiar. Para uns, era o treinador de basquete que os mandava jogar apesar da sua pouca coordenação; para outros, era o Chefe-Escuta que os aceitava tais como eram ou ainda o vizinho que os ajudava quando a situação familiar passava por dificuldades. Qualquer que fosse o tipo de *handicap* ¹⁶, a resposta era a mesma.” Parece que o facto de se sentir aceite e valorizado por um adulto que não é nem o pai, nem a mãe, melhora de maneira notória a auto-estima destas crianças diferentes.

10. As dificuldades de aprendizagem

Uma perturbação da aprendizagem define-se por um bloqueio persistente em uma ou em várias matérias escolares num jovem que não sofre de nenhum *handicap* intelectual. Em princípio, um jovem que sofra de perturbações da aprendizagem é capaz de ser bem sucedido nos estudos, mas não consegue assimilar certas noções de base (pré-requisitos). Estima-se entre 4 a 7% a taxa de jovens que têm dificuldades de aprendizagem.

As causas podem ser externas (absentismo, mudança de residência, mudança de método didáctico...) ou internas (desenvolvimento cognitivo, maturidade afectiva...). Verificou-se que o factor afectivo é o mais frequente.

“Em geral, as crianças e os adolescentes atingidos de perturbações da aprendizagem sofrem muito. Na verdade, a sociedade norte-americana valoriza o desempenho (*performance*), o elitismo. Além disso, os pais revelam muitas vezes grandes ambições para os seus filhos. Infelizmente, os jovens que têm tais problemas não podem corresponder a estas expectativas. Eles sentem-se encurralados, metidos entre a espada e a parede. Por várias centenas de vezes tive de dizer a alguns pais que o seu filho não era nem preguiçoso, nem refractário aos estudos, mas que era vítima de um bloqueio para o qual era preciso descobrir a causa” ¹⁷.

Estas crianças encontram-se frequentemente em turmas especiais ou repetem o seu ano escolar. Mesmo se em algumas condições bem precisas estas medidas podem verificar-se benéficas no rendimento

escolar, nem por isso os jovens, na maioria dos casos, deixam de sentir mais efeitos negativos do que positivos em virtude desta marginalização.

Esta selecção consagra o jovem no seu estatuto de *caso problema*. O seu amor-próprio acha-se ferido. Ele sente também a decepção dos seus pais. Por outro lado, a reacção das outras crianças piora a situação. Ele torna-se alvo de chacota. Os seus antigos amigos já não querem mais nada com ele. Ele sofre de isolamento social. Ele já não acredita nas suas capacidades intelectuais e sente-se diminuído. Por outra razão, várias crianças forçadas a repetir um ano escolar sentem uma grande injustiça, pois despenderam verdadeiros esforços para transitarem de ano e ainda assim têm de o fazer de novo. Eles são muitas vezes invadidos por um sentimento de desencorajamento. Calcula-se em 90% a taxa de estudantes desinseridos que repetiram o ano no decurso do primeiro ciclo.

A equipa de animação de uma unidade escutista não pode fazer nada de especial no que respeita ao rendimento escolar. Os problemas que se prendem com a escola, com a relação com o professor, com os trabalhos escolares, compete na sua maior parte aos pais resolvê-los. Mas os animadores podem ainda assim contribuir para o bem destas crianças com uma forma de ajuda a não desprezar.

“Durante todo este processo de reeducação, a criança tem necessidade de apoio e de reconforto. É importante que ele se sinta amado por aquilo que ele é, não somente por aquilo que ele faz. Ele tem necessidade de se sentir valorizado em diversos domínios: as actividades para-escolares são por demais indicadas”¹⁸.

Pode-se ajudar estas crianças a reencontrar a sua auto-estima proporcionando-lhes actividades que contribuam para a sua valorização, para lhes dar um sentimento de competência. As actividades mais técnicas, os desportos, as actividades de expressão (corporal, dramática), o ar livre, são outros domínios em que as crianças podem ser excelentes se para tal lhes derem a oportunidade.

Ao contar a história de B.-P., nosso fundador, pode-se sublinhar o facto de que ele era um aluno medíocre, o que não o impediu de fazer uma brilhante carreira militar, de viajar por todo o mundo e de ser muito querido pelos seus contemporâneos.

Atenção, não se trata de cair no extremo e de denegrir a escola. Uma tal atitude não serviria os interesses destas crianças. Tanto mais que a maioria das escolas despender verdadeiros esforços para dar um apoio pedagógico precioso às crianças que sofrem de perturbações da aprendizagem. Mas pode-se levar estas crianças a perceber que eles têm valor enquanto pessoas, e isso apesar dos fracos resultados escolares. Uma melhoria da sua auto-estima pode até contribuir, em muitos casos, para uma melhoria no rendimento escolar.

11. O stress

O stress pode ser benéfico quando precede os desafios e nos motiva a ultrapassarmos-nos a nós próprios. Mas pode ser igualmente paralisante e ocasionar problemas de toda a espécie, problemas de saúde inclusive.

Cada vez mais jovens, e até mesmo crianças por vezes, manifestam perturbações físicas ou psicológicas devidas ao stress. Este fenómeno, relativamente novo, foi objecto de vários estudos. Os pediatras e os médicos escolares mostram-se também muito atentos a este problema.

Identificaram-se duas grandes causas de stress nas crianças: os reflexos do stress familiar e o culto da *performance*.

As diversas situações como o desemprego, a necessidade de mudar de residência para manter ou obter um emprego, os horários sobrecarregados, são outros tantos factores de stress familiar de que os jovens sentem os efeitos.

Por outros motivos, várias crianças passam de uma família tradicional a uma família monoparental para depois se achar numa família reconstituída e até por vezes regressar à família monoparental. Estas alterações acarretam muita instabilidade. Os pais podem experimentar sentimentos muito intensos de amor, rancor, insegurança que se reflectem na emotividade dos filhos.

O stress é também causado pelo culto da *performance* que fabrica crianças perfeccionistas para quem o erro é excluído do processo normal da aprendizagem. Estas crianças, que não se reconhecem com direito a errar, têm uma muito fraca auto-estima. Muitas crianças são vítimas do culto da *performance*.

Parece que somos cada vez mais exigentes para com as crianças. Nas famílias, os filhos são menos numerosos do que antigamente. Há muitos filhos únicos. Os pais têm tendência a projectar neles os seus próprios sonhos e ambições. Animados por excelentes sentimentos, eles querem oferecer-lhes o que há de melhor. Quantas crianças se sentem assim obrigadas a evidenciar-se em disciplinas como o desporto, a música, a informática ou no xadrez, sem contar que se espera deles que sejam bem sucedidos na escola, sejam populares junto dos seus amigos e tenham bom carácter?

Um estudo americano permitiu estabelecer a lista das situações tidas como as mais stressantes para as crianças. As situações aparecem assim por ordem de importância.

- perder um parente,
- tornar-se cego,
- revelar dificuldades escolares,
- fazer chichi na sala de aula,
- assistir às discussões entre os pais,
- ser acusado de roubo,
- ser suspeito de mentir,
- ter más notas,
- ser enviado ao conselho directivo,
- submeter-se a uma intervenção cirúrgica,
- perder-se,
- ser ridicularizado diante da turma,
- mudar de escola,
- ter pesadelos,
- não obter nota máxima num teste,
- ser escolhido em último numa equipa de jogo,
- apresentar um trabalho oral,
- perder um jogo, uma partida ou campeonato,
- ir ao dentista,
- ter um irmão ou uma irmã recém-nascida.

O escutismo oferece aos jovens uma ocasião de experimentarem várias actividades em que o erro não é visto como uma catástrofe mas antes como uma fonte de aprendizagem e de melhoria futura. O escutismo pode pois contribuir para o desenvolvimento do sentimento de competência dos jovens.

Se uma equipa de animação despistou uma ou várias crianças estressadas no seio da unidade, seria bom atribuir uma parte importante aos jogos de cooperação. É em reacção ao sistema desportivo assente essencialmente na competição e na performance que nasceu nos anos 70 nos Estados-Unidos, a escola dos jogos de cooperação. Corrida para a excelência, vitória a todo o custo, desprezo pelos vencidos, agressividade e violência eram então vistos como sérios entraves ao que deveria ser a essência do jogo e do desporto para crianças: o prazer em divertir-se. As crianças vítimas de stress terão assim uma ocasião para de entregarem livremente a uma actividade sem sofrerem pressões. Esta alternativa pode ser-lhes salutar.

Não se pode subestimar a calma das crianças. Actividades de relaxamento de curta duração podem ajudar as crianças a descontraírem-se.

12. A criança vítima de abusos

Conhecem-se hoje por demais os efeitos psicológicos devastadores dos abusos cometidos em menores para se desculparem os comportamentos irregulares ou até contentar-se com medidas disciplinares internas (suspensão, expulsão, "lista negra") com vista a abafar o assunto. Aliás, os abusos sexuais ou os casos de violência para com as crianças são actos criminosos passíveis de ordem de prisão sendo que a responsabilidade em pôr-se fim a estes actos está em cada um de nós.

Como definição podemos considerar que "o abuso e maus tratos" é o uso intencional da força física ou a omissão intencional de cuidados por parte dos pais ou daqueles que cuidam das crianças e que faz com que as crianças sejam feridas ou mortas. É em especial nas nações industrializadas, comunidades rurais e urbanas, em todos os grupos religiosos, étnicos ou raciais, sendo mais comum nos grupos que estão abaixo da linha da pobreza, que acontece a maioria dos "abusos e maus tratos".

Pode-se apelar para o módulo ANI 1027 *A relação educativa adulto/jovem* no qual se achará um excerto *A criança é que importa*¹⁹, um guia destinado aos voluntários que trabalham com crianças. Neste guia, explica-se o que fazer quando uma criança nos faz uma confissão. Nós limitar-nos-emos a reproduzir as principais recomendações:

- faça fé na criança,
- ouça a criança atenta e calmamente sem interferir,
- tranquilize a criança,
- tome bem nota dos factos,
- transmita imediatamente o caso às autoridades de protecção à criança ou ao jovem.

Na maioria dos países, os serviços de protecção à criança ou à juventude protegem as crianças que foram vítimas de maus tratos. Os problemas de abusos são complexos e podem incluir formas de abuso físico, abuso sexual, abuso emocional, negligência física e negligência emocional.

Só 10% daquelas pessoas que praticam abusos e maus tratos é que têm uma doença mental. A maioria ama os seus filhos, mas tende a ter menos paciência e personalidades menos amadurecidas que a maioria dos pais. As causas principais são: a transmissão entre gerações de violência; o stress social; o isolamento e fraco envolvimento na comunidade e o tipo de estrutura familiar.

Os efeitos nas crianças podem-se resumir em: físicos (queimaduras, pisadelas, danos cerebrais, deficiências e morte); psicológicos (ausência de auto-estima, distúrbios na aprendizagem, depressão, ansiedade excessiva, aumento do risco do suicídio); origina a violência e a criminalidade juvenil.

Para os que se interrogam ainda se a lei os obriga a participar os casos de abusos de que as crianças são vítimas, o texto seguinte, publicado por Santé e Bien-être social Canada (Saúde e Bem-estar social Canadá), não dá lugar a dúvidas: "Todo o caso de exploração de crianças deve ser participado e isso, em todas as províncias e territórios. Os educadores, os médicos e outros profissionais, do mesmo modo que o conjunto da população são chamados a participar os casos de exploração de crianças, reais ou suspeitos, às autoridades encarregues da protecção às crianças" ²⁰.

13. As condutas extremas

Por conduta extrema entende-se:

- delinquência e comportamento anti-social (roubo, vandalismo, fraude, atentado contra a pessoa...)
- depressão conducente ao suicídio,
- uso abusivo de drogas ou álcool,
- anorexia,
- prostituição juvenil.

Cada um destes problemas mereceria a dedicação de vários módulos. Os estudos e as obras de divulgação não faltam se se quiser aprender mais. Pode-se ficar com a ideia, desde já, que estes problemas estão na maior parte do tempo ligados a uma carência relacional grave, vivida no curso da infância. Estes jovens são incapazes de estabelecer uma relação profunda. Eles sofrem de um grande sentimento de impotência. A atitude anti-social ligada à delinquência seria uma reacção de defesa face a esta impotência.

"Os diferentes *stressantes* psicossociais que a família tem de suportar: pobreza, desemprego, violência doméstica, conflitos entre os pais, também desempenham um enorme papel na delinquência juvenil e nas dificuldades de adaptação dos jovens em geral" ²¹.

É preciso admitir e bem que os jovens às voltas com graves dificuldades raramente são atraídos pelo escutismo. Eles mais depressa se voltam para um grupo de jovens como eles desviantes. O grupo de jovens, seus pares, exerce uma forte influência no comportamento delinvente. Um estudo levado a cabo por Cloutier e seus colaboradores ²² fez realçar que o melhor revelador do consumo de álcool e de droga do adolescente era o consumo de álcool e de droga do grupo de amigos.

Uma equipa de animação de uma unidade escutista, não sendo composta de assistentes sociais ou de psicólogos, não tem muita influência nos jovens que revelem condutas extremas. Apesar de tudo, podem acontecer excepções. Pode-se encontrar na unidade um jovem que apresente comportamentos suicidas ou um outro que tome estupefacientes com regularidade.

Para obter ajuda pode-se dirigir a vários organismos públicos ou parapúblicos, a associações, a certos serviços de polícia especializados, a médicos, enfermeiras, psicólogos... E se um animador tiver conhecimento de alguns apoios que pudessem vir em auxílio do jovem e da sua família, porque não sugerir aos pais que se recorra a esses apoios?

O efeito preventivo do escutismo

Se o contributo do escutismo é antes de mais limitado quando chega a altura de readaptar jovens com graves dificuldades, nem por isso deixará de desempenhar um papel preventivo importante junto das camadas mais jovens.

Quantas crianças mais ou menos carenciadas encontraram no seio da sua unidade de Lobitos ou de Exploradores uma tábua de salvação! Nós, infelizmente, não temos nenhuma estatística para apoiar esta hipótese, mas pode-se pensar que os objectivos educativos do escutismo favorecem a aquisição de algumas aptidões salutareis:

- entrar em relação com os outros,
- realizar projectos por via da cooperação e da entreaajuda,
- negociar o seu lugar ou cargo sem violência,
- desenvolver a sua auto-estima e a sua confiança no outro,
- dar e receber ajuda,
- desenvolver o seu sentimento de pertença a um grupo que tenha valores positivos.

Se, além disso, o jovem é colocado na presença de adultos que gostem dele e o aceitem tal como é e confiem nele, ele terá uma oportunidade de trilhar a via mais favorável ao desenvolvimento de todas as suas possibilidades.

14. Conclusão

Os pensamentos e as atitudes positivas, aprendem-se. A felicidade, essa, constrói-se. “O maior presente que se possa dar a uma criança é ensiná-la a aproveitar-se de todas as experiências da sua vida, boas ou más, para enriquecer a sua personalidade e criar a sua própria felicidade”²³.

Para finalizar, eis algumas afirmações²⁴ que as equipas de animação poderão reler nos momentos difíceis, para se lembrarem de que em educação como em toda e qualquer outra coisa, deve-se fazer o melhor que se puder...

- Cada criança é uma só e única.
- O desenvolvimento das crianças faz-se em dentes de serra e a regressão temporária é normal.
- O medo, a ansiedade, o sofrimento, a cólera são sentimentos normais na medida em que são passageiros e manifestados.
- As crianças são extremamente sensíveis às emoções dos adultos que os rodeiam e ao clima (família, escola, unidade).
- Não se deve exercer pressão sobre as crianças para forçar as suas capacidades ou o seu desenvolvimento.
- As crianças têm necessidade de amigos e de autonomia.
- As crianças têm necessidade de amor e de disciplina.
- Cada criança tem de acreditar que tem direito à felicidade.

Notas

1. - Cloutier, R. *Mieux vivre avec nos adolescents*, p. 12. Ver também o módulo ANI 1023 *Os jovens dos 10-14 anos* e ANI 1027 *A relação educativa adulto-jovem*.
2. - Laporte D., Duclos G., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, p. 113.
3. - Falardeau, Guy, *Les enfants hyperactifs et lunatiques*, p. 59.
4. - Duclos G., Laporte D., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, p. 57.
5. - Cloutier Richard, *Psychologie de l'adolescence*, p. 236.
6. - Ver também ANI 1027 *A relação educativa adulto-jovem*.
7. - Duclos G., Laporte D., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, p. 41.
8. - Duclos G., Laporte D., Ross J., *Les besoins et les défis des enfants de 6 à 12 ans*.
9. - Duclos G., Laporte D., Ross J., *Les besoins et les défis des enfants de 6 à 12 ans*.
10. - D'après Hone, G. et Mercure J., *Les adolescents - les encourager, les protéger, les stimuler*, p. 152.
11. - Cloutier, R., *Psychologie de l'adolescence*, p. 254.
12. - Duclos G., Laporte D., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, p. 39.
13. - Falardeau, Guy, *Les enfants hyperactifs et lunatiques*, p. 45.
14. - Falardeau, Guy, *Les enfants hyperactifs et lunatiques*, p. 19-31.
15. - Falardeau, Guy, *Les enfants hyperactifs et lunatiques*, p. 27.
16. - Falardeau, Guy, *Les enfants hyperactifs et lunatiques*, p. 59.

17. - Laporte D., Duclos G., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, p. 194.
18. - Falardeau, Guy, *Les enfants hyperactifs et lunatiques*, p. 196.
19. - Conseil canadien de l'enfance et de la jeunesse, *C'est l'enfant qui compte - Guide destiné aux bénévoles des organismes de service à la jeunesse*, p. 15-17.
20. - Gouvernement du Canada, Santé et Bien-être social Canada, *Enfants du Canada, enfants du monde - Document du Canada pour le Sommet mondial pour les enfants*, p. 26-27.
21. - Cloutier, R., *Psychologie de l'adolescence*, p. 262.
22. - Cloutier, R., *Psychologie de l'adolescence*, p. 262.
23. - Laporte D., Duclos G., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, p. 118.
24. - Laporte D., Duclos G., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, p. 119.

Pedagogia

Ler obras que tratem da psicologia das crianças e dos adolescentes.

Ler obras que tratem de diferentes dificuldades que os jovens possam sentir.

Organizar uma entrevista com um dos seguintes profissionais: pediatra, psicólogo, assistente social, médico escolar, que intervenham num grupo de entreatajuda que tenha relação com os problemas vivenciados pelos jovens...

Fazer a lista dos serviços de apoio no seu meio.

Escolher uma das dificuldades descritas no presente módulo e aprofundar os seus conhecimentos através de pesquisa.

Fontes de Informação

- Avanzini, Guy, *O tempo da adolescência*, trad. António Ribeiro dos Santos, Lisboa: Pórtico, 244 p.
- Castillejo, J. L. [et al], *Investigación educativa y practica escolar: programas de acción en el aula*, Madrid: Santillana, 1987, 196 p. - (Aula XXI; 35) ISBN 84-294-2670-1.
- Cian, Luciano, *Nascidos para voar*, trad. Pedrosa Ferreira, Porto: Salesianas, 1994, 157 p. - ISBN 972-690-284-3.
- Cloutier, Richard, *Mieux vivre avec nos adolescents*, Le Jour, 1994.
- Cloutier, Richard, *Psychologie de l'adolescence*, 2e édition, Gaëtan Morin, Montréal, 1996 - ISBN 2-89105-8.
- Debesse, Maurice, *Psicologia da criança: do nascimento à adolescência*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, 487 p..
- Duclos G., Laporte D., Geoffroy L., *Du côté des enfants*, Hôpital Sainte-Justine, Montréal, 1990.
- Duclos G., Laporte D., Ross J., *Les besoins et les défis des enfants de 6 à 12 ans*, Les Éditions Héritage, Saint-Lambert, 1994.
- Duclos G., Laporte D., Ross J., *Les besoins, les défis et les aspirations des adolescents*, Les Éditions Héritage, Saint-Lambert, 1995.
- Falardeau, Guy, *Les enfants hyperactifs et lunatiques - comment les aider*, Le Jour, Montréal, 1992.
- Fernandes, Evaristo, *Psicologia da adolescência e da relação educativa*, 1ª ed., Porto: Asa, 1990, 286 p..
- Fleming, Manuela, *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*, Porto: Afrontamento, D. L. 1993, 274 p. - ISBN 972-36-0304-7.
- Hone, G., Mercure, J., *Les adolescents, les encourager, les protéger, les stimuler*, Novalis, Outremont, 1996.
- Lasconi, Tonino, *A idade explosiva: pré-adolescentes e adolescentes a caminho do amor*, trad. Pedrosa Ferreira, Porto: Ed. Salesianas, D. L. 1993, 134 p. - ISBN 972-690-270-3.
- Montessori, Maria, *A criança*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987, 256 p. - ISBN 85-7007-093-4.
- Mussen, Paul Henry; Conger, John Janeway; Kagan, Jerome, *Desenvolvimento e personalidade da criança*, 4ª ed., São Paulo: Harbra & Row do Brasil, cop. 1974, 564 p..

Neiva, José, *Algumas considerações sobre a psicologia dos adolescentes*, Lisboa: Cosmos, 1943.

Pfromm Neto, Samuel, *Psicologia da adolescência*, 7ª ed., São Paulo: Pioneira, 1979, 421 p..

Rota, Michel, *Comunicar com a criança: da concepção à adolescência*, trad. Ana Santos Silva, Lisboa: Terramar, D. L. 1995 - 248 p. - ISBN 972-710-102-X.

Sampaio, Daniel, *Inventem-se novos pais*, colab. Eulália Barros, 9ª ed., Lisboa: Caminho, imp. 1996, 249 p..

Sampaio, Daniel, *Vozes e ruídos: diálogos com adolescentes*, colab. Nazaré Santos... [et al.], 7ª ed., Lisboa: Caminho, 1996, 214 p..

Topczewski, Abram, *Hiperactividade - como lidar?*, Brasil: Casa do Psicólogo, 1999, 84 p..

Wall, W. D., *A adolescência*, trad. de António Neves Pedro, Lisboa: Livros Horizonte, 284 p..

Avaliação da Formação

Explicar o que uma equipa de animação pode fazer para ajudar jovens que se debatem com os seguintes problemas:

- a separação dos pais,
- a hiperactividade,
- dificuldades de aprendizagem,
- a criança vítima de abusos,
- a tendência suicida,
- o consumo de droga.

Nomear alguns serviços ou instituições de apoio ou outras referências em caso de necessidade.